



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o Encontro Nacional de Comunicadores

Brasília-DF, 08 de abril de 2009

Meu caro Fernando Haddad,

Meu caro Daniel, presidente da Associação Brasileira de Rádio e Televisão,

Permitam-me chamá-los de companheiros e companheiras da radiodifusão do nosso país.

Antes de falar um pouquinho da Educação, Fernando, eu queria contar uma coisa para vocês que aconteceu nessa última reunião do G-20, em Londres. Durante pelo menos 20 anos da minha vida, antes de ser presidente da República, eu andava pelo Brasil junto com outras dezenas de companheiros, dizendo que era necessário criar uma nova ordem econômica mundial. Isso era tratado como se fosse apenas uma frase de efeito de alguém que postulava um cargo público neste país. Depois eu passei mais 20 anos da minha vida carregando faixas, dizendo que era preciso romper com o FMI.

Quando eu fui a Davos, no dia 25 de janeiro de 2003, na volta para o Brasil, conversando com o ministro Celso Amorim no avião, eu disse ao Celso: Celso, eu acho que é preciso a gente construir uma nova geografia comercial no mundo. Nós precisamos mudar o mapa das relações comerciais, colocando dentro do mapa os segmentos, ou melhor, os países que até então estavam muito distantes do Brasil.

Vejam que as coisas que a gente achava que eram uma frase de efeito, tentando buscar uma manchete no jornal regional ou na boca de vocês, está se transformando em pura realidade. Eu brinquei, mas eu brinquei com um sentimento de muita seriedade, quando perguntaram se nós iríamos emprestar



dinheiro ao FMI. Eu disse: é com muito prazer que o Brasil vai emprestar dinheiro para o FMI. Temos condições, temos potencial para emprestar e nós achamos que nesse momento da economia mundial, todos aqueles que puderem contribuir têm que contribuir, e não apenas ficarem procurando o diagnóstico de quem é o culpado. A doença já está disseminada. Então, agora é preciso a gente arrumar o remédio adequado para estancar essa doença e fazer com que a economia volte a crescer.

O G-20 foi um pouco do retrato positivo que eu imaginava que pudesse acontecer. Vocês sabem que nessas coisas sempre aparece muita gente negativista: “Não vai dar em nada, é mais uma reunião. Isso não vai mudar nada, não vai acontecer nada.” O fato concreto é que a reunião do G-20 - você, Fernando Haddad, que conhece muito de economia - o fato concreto é que o G-20 conseguiu produzir, como resultado de uma reunião, coisas inesperadas pelos mais otimistas do mundo. Efetivamente, o G-20 produziu o marco regulatório de uma nova ordem econômica mundial, que será executado nos próximos meses. Essas coisas nunca acontecem no dia seguinte à reunião. Há um processo de maturação. Pela primeira vez, os países chamados Bric's - Brasil, China, Índia, Rússia, e os países emergentes não foram coadjuvantes na reunião.

É interessante, porque na minha militância política, a vida inteira, as críticas que se fazia à esquerda eram que a esquerda não se unia nem na cadeia. Eu aprendi, também, que não tem local do mundo para uma pessoa ser humilde, do que quando ela está internada em um hospital. Quando você está doente, deitando em uma cama de hospital, é que você percebe o quanto é insignificante, é que você percebe quantas vezes você foi mau quando seria muito mais fácil ter sido bom. Então, você passa a tratar as pessoas com muito mais carinho no isolamento de um quarto de hotel [hospital] e, muitas vezes, você nem recebe a quantidade de visitas que pensava que fosse receber. Eu não sei se vocês já tiveram a experiência de estar em um hospital no domingo



à tarde, esperando alguém ir visitar e não vai ninguém, a não ser os de sempre: a mulher e os filhos, ou o marido e os filhos.

Eu senti, no G-20... eu estava sentado, olhando aquela reunião, e como eu já tinha participado de outras, eu estava falando: como mudou o mundo. Não tinha ninguém arrogante. Todo mundo muito humilde, e todo mundo doido para que o outro tivesse uma solução para o seu problema. Uma das coisas que eu cobrei no jantar que houve no sábado, na casa do Gordon Brown, é que nós precisaríamos começar as reuniões contando a situação de cada país, que cada governante abrisse a reunião contando o seguinte: “no meu país a situação é essa; tem tanto de desemprego, tem tanto de crédito, eu tenho um déficit público de tanto, a dívida pública é de tanto”, para a gente saber o tamanho do buraco da crise. Senão, nós nos colocamos a dar palpite sobre tudo e não vamos ao cerne do problema.

Nessa reunião, eu acho que tive a felicidade de viver um momento histórico na vida da Humanidade, de participar de uma reunião que vai mudar a geografia mundial. O Obama disse uma coisa fantástica. O Obama, em uma entrevista, disse o seguinte: “Antigamente, Churchill e Roosevelt se reuniam em volta de um litro de conhaque e com um charuto, e decidiam o destino da Humanidade. Hoje não pode mais ser assim. Hoje nós temos que conversar com mais gente, nós temos que ouvir outros parceiros.” Então, quando se exercita a democracia, sempre fica um pouco mais difícil, sempre tem um pouco de consulta a mais, sempre tem a mudança em um parágrafo, a mudança de palavras em um texto, quando você o submete a muita gente.

Eu queria dizer a vocês que eu voltei de Londres convencido de que nós vamos conseguir dar a volta por cima nessa crise. Nós sabemos que tem países com mais problemas do que outros, vocês sabem que eu tenho dito em todo lugar que eu rezo mais pelo Obama do que por mim mesmo, porque eu acho que o problema dos Estados Unidos é muito grave, apesar da importância econômica dos Estados Unidos, do PIB americano, da capacidade tecnológica



daquele país. Mas eles deixaram a crise ir muito longe. Eu acho que, embora haja muitas tentativas e muitas medidas, eu acho que... Eu falei para o Obama: eu não espero que você acabe a crise amanhã. Eu só quero que estanque a crise, ou seja, vamos jogar um cimento nesse buraco para que não apareça mais profundidade nessa crise.

Então, eu voltei muito otimista. Voltei muito otimista e, depois, olhando os números aqui no Brasil, também eu percebi que o pânico de dezembro, janeiro, novembro e outubro já começou a arrefecer, e a gente percebe que alguns setores da economia estão voltando à normalidade. Eu espero que nas rádios de vocês, nos estados, também estejam voltando à normalidade os comerciais, porque sem isso também vocês não sobrevivem.

Então, eu queria só contar isso para vocês. Eu voltei otimista, eu acho que há um passo enorme, e acho que não sei em quantos momentos da história do nosso país, o Brasil foi levado tão a sério nessas reuniões. Eu acho que o Brasil hoje não tem uma presença de faz-de-conta. O Brasil tem uma presença em igualdade de condições, e isso é o que eu acho importante na reunião. Não tem mais os Estados Unidos e os outros, ou o Reino Unido e os outros. Não. Hoje, todos que estão naquela mesa sabem que nós precisamos uns dos outros para resolver o problema da crise econômica. Daí porque é acertada a decisão de colocar US\$ 1 trilhão no FMI, para ver se a gente consegue irrigar o crédito mundial, que é um dos grandes problemas, sobretudo na questão da balança comercial dos países.

Eu estou contando isso para dizer para vocês que mudou, mudou a geografia econômica do mundo, mudou a geografia comercial do mundo, e o Brasil hoje está emprestando para o FMI, em vez de tomar dinheiro emprestado do FMI. São mudanças extremamente importantes que, certamente vocês, como eu, não acreditavam que isso pudesse acontecer. Pois bem, aconteceu, e eu acho que o Brasil está colhendo o resultado da seriedade. Eu digo todo santo dia o que eu aprendi no Sindicato, Fernando:



nenhum interlocutor respeita um outro interlocutor que não se respeita. A base para se fazer bons acordos é as duas pessoas que estão sentadas à mesa serem sérias. Se as duas forem sérias, sentam-se à mesa e fazem o acordo. Se uma delas for leviana, não tem acordo. Então, eu acho que o Brasil conquistou esse direito de ser respeitado e a gente sabe o quanto isso para este país.

Uma outra coisa que eu devo a vocês... eu digo sempre o seguinte: o rádio me salvou, porque quando eu fui preso em abril de 1980 - eu já contei essa história em um congresso da Abert - eu estava saindo com seis policiais dentro do carro, com metralhadora. Não sei por que precisava de metralhadora, se eu estava desarmado e inofensivo. De repente, qual era o meu medo? - Quem conhece São Bernardo do Campo, é uma cerração muito grande, tem dia que você se levanta às 6h da manhã e não enxerga o nariz, é muita cerração - Estava uma cerração muito forte, e eu fiquei me lembrando: quanta gente entrou em um carro para ir prestar um depoimento e não voltou mais? Onde foi parar? Quanta gente desapareceu? E eu naquela agonia: o que vai acontecer? Quando eu entrei na Via Anchieta, foi exatamente através de uma rádio que saiu a primeira explicação: "a polícia acaba de prender o presidente do Sindicato de São Bernardo". Eu falei: estou salvo. [Estava] salvo porque não tinha mais como alguém desviar o trajeto... Vocês vejam que interessante. Aí, chegar no Dops era uma alegria, porque a dúvida era saber se a gente ia chegar lá. E eu devo isso a uma rádio que imediatamente noticiou. Eu, dentro do carro, olhava para a metralhadora e falava: estou salvo aqui. Vou ser preso, mas não vou ser morto.

Quando o Fernando Haddad me disse desta reunião aqui, hoje, com os companheiros, e me convidou para vir, eu fiz questão de vir para fazer o reconhecimento do trabalho que o Ministério da Educação e sua equipe têm feito. Vocês sabem que tudo o que a gente tenta mudar, em qualquer coisa, é sempre muito complicado. Hoje o Fernando Haddad vai explicar para vocês o



resultado do Fundeb, do PDE, do ProUni, do Reuni, das creches, da melhoria da qualidade dos professores, da formação, da Universidade Aberta, do piso dos professores.

Todas essas coisas que hoje a gente pode comemorar por elas existirem e estarem funcionando, tiveram um começo muito difícil. Vocês sabem que qualquer mudança que a gente faça, qualquer mudança é sempre complicada. Eu me lembro que o Reuni, que era uma coisa que eu achava extraordinária e simples de fazer, porque a gente não precisaria construir... não precisaria comprar nenhuma carteira nova [para a] escola, não precisaria comprar nada, era só aumentar 6 alunos, em média, por professor, sair de 12 para 18 alunos por professor. Eu imaginei que era uma coisa que o Fernando Haddad iria ser carregado nas costas onde ele chegasse. Sabem quantas reitorias foram quebradas? Vinte. [Foram] invadidas, os reitores [foram] ameaçados de apanhar. Por quem? Normalmente, por pessoas de posses que já tinham a sua vaga garantida na universidade, que achavam que se a gente colocasse mais uma pessoa lá, iria diminuir a qualidade de ensino que elas tinham na escola. Chega a ser uma coisa tão... uma cena tão grotesca, que eu não imaginava que a gente fosse ter um comportamento... Não foi aprovar, não. Aprovamos quase na marra o direito de colocar 6 jovens a mais em uma sala de aula. Vocês sabem que tem sala de aula que tem 40 carteiras e 20 só ocupadas, 15, 7, 8. A gente só queria colocar mais 6 e, por conta disso, teve uma contrariedade enorme, de um grupo elitista que não queria que a gente colocasse os pobres na universidade.

Quando nós fomos criar o ProUni... o ProUni, eu acho que é uma coisa que parece simples, mas eu acho que foi uma das genialidades do ministro Fernando Haddad. Eu nunca perguntei a ele quem foi que deu a idéia para ele. Mas o dado concreto é que a gente vivia em uma agonia imensa. Primeiro, tirar de dentro do governo a palavra “gasto” com educação. Toda vez que a gente via um ministro abrir a boca, ele falava: “está gastando muito, vai gastar muito,



aumentou o gasto.” Então, em uma reunião ministerial, eu proibi utilizar a palavra “gasto” em educação. Em educação a gente não gasta, a gente investe. É como pesquisa. Quisera Deus que a gente pudesse só investir em pesquisa que a gente conhecesse o resultado positivo. A Petrobras, para descobrir o pré-sal... muita gente fala: “é sorte, é sorte”. Acontece que nós saímos de 500 milhões, de pesquisa e prospecção, para US\$ 2,5 bilhões por ano. Ora, quem aumenta cinco vezes o dinheiro para a pesquisa, um dia encontra. Então, a educação tem que ser vista dessa forma.

Quando o Fernando Haddad me colocou a proposta do ProUni, eu falei: eu acho que nós encontramos o caminho das pedras para colocar os pobres na escola. Nessa boa idéia hoje nós já temos, me parece, 473 mil alunos no ProUni, grande parte com bolsa total, uma outra parte com bolsa de 50%. Mas qual é o dado sagrado? É que são jovens da periferia deste país, e 40% deles meninas e meninos negros. Parece pouco, mas é só imaginar quantos negros a gente tinha na universidade, antes do ProUni, que a gente vai perceber que tinha um processo, que não era um processo de perseguição racial não, não era isso. Era um processo de perseguição às oportunidades. Se as pessoas não tivessem tido um bom ensino fundamental, as pessoas não entrariam nas universidades. As pessoas prestavam concurso vestibular nas universidades privadas, e quando chegava em fevereiro, que tinham que pagar, elas desistiam porque não tinham dinheiro.

Eu sinto hoje, quando eu viajo, na maioria dos lugares em que vou sempre tem um menino ou uma menina com um papelzinho na mão: “eu sou do ProUni, eu sou do ProUni”. Eu sei, eu tenho na minha pele o que significa uma criança, neste país, ter oportunidade de estudar em uma universidade. Eu sei o que significa para um pai e para uma mãe. Daí porque nós, eu acho que vamos terminar o mandato, em 2010, com um saldo – entre ProUni e Reuni – eu diria, quase colocando metade dos alunos que tinha nas universidades brasileiras. A renovação já dobrou, a gente tinha uma renovação de 113 mil



alunos por ano, no Brasil, nas universidades federais. Hoje já passou para 227 mil alunos. Dobrou em pouco tempo, e eu acho que só tende a melhorar.

As escolas técnicas, certamente em cidades que vocês moram deve ter alguma escola técnica. Era outra coisa que estava proibida por lei: o governo federal criar escola técnica. Eu digo esse dado, porque esse dado é muito marcante: em 100 anos, no Brasil, se criou 140. Este ano, somente este ano nós vamos inaugurar 100, e vamos terminar 2010 com 214 escolas técnicas a mais do que as 140 que nós tínhamos. Deus queira que quem vier depois, me derrote: faça 300 novas, faça 500. Nós fomos inaugurar aqui em Brasília, em Planaltina, esses dias, uma escola que foi fundada pelo Juscelino Kubitschek no dia 17 de fevereiro de 1958 [e que estava] abandonada. Não só não se fez novas, como se abandonou as que tinha, em um país carente de educação.

Outra coisa que me enche de orgulho foi a gente ter constituído o piso salarial dos professores. Vocês sabem, nas cidades pequenas, o quanto o professor é pessimamente remunerado. Nós encontrávamos professores ganhando R\$ 150, R\$ 200, e depois a enchia a boca para dizer: “é preciso melhorar a qualidade do ensino”. Agora, a condição fundamental para melhorar a qualidade do ensino é ter um professor bastante motivado e qualificado, ele tem que ser preparado. Se não se tem um processo de reciclagem dos professores, você pode ter um prédio maravilhoso, pode ter um computador em cada carteira, em casa mesa, mas se o professor não estiver preparado, ele não vai melhorar a qualidade do ensino.

Quando nós criamos o piso, para minha surpresa, eu achando que ia haver uma movimentação contra, porque era pouco... Eu ainda acho pouco R\$ 950, ainda acho pouco. Não é muito, não. Não estamos dando mais porque não temos condições de dar mais neste momento, mas eu acho que pagar R\$ 950 para uma mulher ou um homem ficar dentro de uma sala de aula o dia inteiro, tomando conta de 40, 50 crianças, não é brincadeira. Quem é pai e mãe aqui sabe que tomar conta de dois ou três da gente, que a gente pode dar



bronca, pode dar pito, pode gritar, é difícil. Eu sei, porque quando os professores entram em greve, eu sei o quanto as mães reclamam dos filhos em casa. Vocês imaginem uma professora com 40 alunos dentro de uma sala de aula. (incompreensível) quando nós aprovamos o piso, eu pensei que todo mundo ia aplaudir, e agora a gente percebe que tem várias ações na Suprema Corte contra o piso – sabia, não é? – de governadores, de prefeitos, contra o piso de R\$ 950. Eu acho um absurdo isso. Eu acho que a gente tem que procurar uma forma de encontrar um pouco mais de recursos, e não achar que, diminuindo o piso, a gente vai melhorar essa história, até porque uma boa parte do dinheiro é repassada pelo próprio MEC. Este ano nós vamos passar... nós temos que aplicar 5 bilhões este ano. Eu acho que essa coisa foi extremamente importante.

Outra coisa que eu acho que vocês tinham que conhecer, se vocês pudessem visitar, na cidade de vocês – se tiver – é a questão da Universidade Aberta. Eu agora estou desafiando o Fernando Haddad a criar uma universidade aberta com Moçambique, com Angola, com São Tomé e Príncipe e com Cabo Verde, os países africanos de língua portuguesa, para a gente fazer um convênio e dar aulas daqui. Claro, não precisa montar uma escola. Vamos arrumar uma sala e dar aulas daqui, para lá. Eu acho que é possível, e você vai ter que me dar esse presente antes de nós terminarmos o mandato. Eu não sei o que você vai ser. Eu sei que não vou ser mais presidente. Então, você tem futuro mais certo do que eu. Mas isso me deixou... essa Universidade Aberta, para a gente formar professores, me deixou muito satisfeito.

Outra coisa importante, que eu acho que é motivo de alegria para nós, foi a Olimpíada de Matemática. Quem é do Rio de Janeiro, se puder... Na semana que vem eu vou estar no Rio de Janeiro, nós vamos almoçar no Inpa - Instituto Nacional de Matemática Aplicada, e depois nós vamos entregar a medalha de ouro para os meninos que ganharam. Quem for da radiodifusão do Rio de Janeiro seria importante ir, para vocês verem o que é motivação. Eu sou



uma pessoa que aprendi que nós, seres humanos, somos tocados à emoção. Nós somos 80% emoção e 10% razão. Ao mesmo tempo, nós só fazemos as coisas quando estamos motivados. Se tiver um pinguinho de motivação, a gente vai para qualquer lugar. Por isso que eu acho que a Olimpíada de Matemática é uma coisa que está motivando as crianças.

Só para vocês terem idéia, em 2006... a gente tinha tido a participação de 10,5 milhões de crianças em 2005. Em 2006, não sei por que, a Justiça Eleitoral não deixou a gente fazer uma propaganda sequer, um papel para colocar na porta da escola “inscreva-se na Olimpíada de Matemática”. A Justiça Eleitoral não deixou, achando que [íamos] fazer campanha eleitoral. Então, não fizemos nada. Nem vocês puderam falar, nem podíamos fazer propaganda na televisão ou no rádio. Conclusão: inscreveram-se 14,5 milhões de crianças. Significa que a coisa já tinha se entranhado dentro das escolas deste país. No ano passado foram 18,3 milhões crianças. Dessas, certamente nós já descobrimos uma quantidade de gênios, que nós precisamos saber como dar oportunidade a esses gênios. Vocês viram que no Santos, o time de futebol, tem um menino de 17 anos que está assalariado desde os 15 anos de idade. Por quê? Porque é uma promessa que vai... Agora, vocês imaginem se nós não fizemos alguma coisa para cuidar desses meninos que são gênios, que nós já detectamos que são gênios.

Então, o governo vai assumir uma parte disso, nós vamos querer que os empresários assumam outra, que os governos dos estados assumam outra, que os prefeitos assumam outra. Mas nós não podemos deixar esses gênios se dispersarem sem que a gente tenha capacidade de monitorar o futuro dessa molecada, porque é um privilégio para um país. Qualquer país do mundo gostaria de convidar esses 300 medalhistas de ouro para irem estudar no seu país. E nós vamos dizer que eles vão ficar aqui, estudar aqui e nós vamos garantir que eles estudem aqui, porque nós não estamos com essa bola toda de ficar perdendo os nossos gênios. Não estamos com essa bola toda.



Por isso, Fernando, eu queria dizer para você que é uma novidade para mim saber que o MEC está tão “embaraçado” - como se diz na gíria portenha - com a radiodifusão, quando se trata da questão da educação. Eu acho importante uma coisa que você disse aqui, Fernando, que muitas vezes as pessoas pensam que a gente gosta que a imprensa só fale bem da gente. Aqui tem companheiros que eu conheço há muitos anos e eu nunca pedi um favor para dizer: fale uma coisa só, nunca pedi. Até porque uma coisa que se esteja elogiando e não for verdadeira, ela cai no descrédito. Então, às vezes, a crítica é muito mais importante quando ela é verdadeira, quando não é ilação, mas quando se dá em cima de coisas concretas e objetivas.

Acho maravilhoso que o Ministério da Educação esteja aqui hoje para se despir diante de vocês. Não precisam fechar os olhos porque se despir não é tirar a roupa, não. O que o Fernando Haddad vai fazer é colocar para vocês o que está acontecendo de verdade na Educação deste país, para que vocês possam cobrar, criticar, investigar, anunciar, cobrar, cada vez mais, porque é isso que vai permitir que a gente tenha uma educação cada vez com melhor qualidade e cada vez mais as pessoas compreendendo que sem educação nós não vamos a lugar nenhum. Se a gente não aproveitar este momento em que o Brasil tem um certo destaque mundial, para a gente compatibilizar essa credibilidade conquistada com a evolução da formação escolar do nosso povo, nós estaremos jogando fora uma oportunidade extraordinária.

Por isso, eu queria agradecer à Abert pelo trabalho e pelo serviço público prestado, porque isso é uma prestação de serviço público extraordinária. E quero parabenizá-lo, Fernando, por essa sintonia com a radiodifusão. Eu acho que é uma coisa importante, e eu espero que quem saia ganhando com isso sejam aqueles que não estão aqui, mas que estão esperando que a gente faça por eles o que o Estado tem que fazer: educação de qualidade para todos.

Um abraço e parabéns.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)